



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

MANUFATURAS DE TAPETES ANDINOS: CULTURA E TECNOLOGIA

Laís Alcântara Tigre¹, Prof. Dr. Mauricio de Campos Araujo²

⁽¹⁾Estudante de Mestrado lais.tigre@usp.br; ⁽²⁾Professor Doutor; mauricio.araujo@usp.br; Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo; São Paulo, SP.

Resumo

Este artigo tem por objetivo mostrar a relação entre a cultura andina e a tecnologia têxtil. O artigo apresentará as tecnologias têxteis usadas por algumas culturas pré-colombianas, como fibras e métodos de tecelagem manual, e irá relacioná-la com a indústria de tapeçarias atual.

Palavras-chaves: têxtil, tapeçaria, cultura, tecnologia têxtil

Abstract

This paper shows the relationship between the Andean culture and textile technology. The article will present textile technologies used by some pre-Columbian cultures, such as fibers and hand weaving methods, and will relate to the hangings industry today.

Keywords: textile, tapestry, culture, textile technology



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

Introdução

O presente artigo tem por objetivo estabelecer uma relação entre a cultura andina e a tecnologia têxtil. É importante observar que a tecnologia têxtil de civilizações antigas, como os **Mochicas** no Peru, era baseada nas fibras naturais, técnicas manuais “pré-teares” e a introdução dos primeiros teares.

Este artigo foi desenvolvido como trabalho final da disciplina de Sociedade, conhecimento e informação do programa de pós-graduação em Ciência da informação e tem como proposta relacionar a pesquisa de mestrado com o conteúdo desenvolvido em aula.

Esta pesquisa fará parte da dissertação de mestrado no programa de Têxtil e Moda com linha de pesquisa em materiais e métodos sobre tapeçarias de culturas Andinas.

Primeiramente é preciso entender estabelecer qual conceito de cultura será usado para o estudo e como a tecelagem está presente nela. Depois de estabelecido estes conceitos é importante entender o material usado e as técnicas e, para finalizar, expor a importância do trabalhador manual, aquele que executou as técnicas e desenvolver a tecnologia daquela civilização.

Para finalizar, o artigo mostra como a industrialização fez com que essas peças perdessem o caráter cultural diante do capitalismo artista e da industrialização da área têxtil.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a documental com revisão de documentos, artigos e livros. Para encontrar material para a revisão bibliográfica foi utilizado o sistema de busca na biblioteca da Universidade de São Paulo, Dedalus, com palavras-chave como: tecnologia, cultura, tecelagem andina, têxtil e tapeçarias.

Nos meios digitais também foram encontrados artigos e sites com tapeçarias andinas atuais.

Revisão Bibliográfica

Têxteis

O indício mais antigo da existência de têxteis na História data de mais de 24 anos. Foram encontrados vestígios no leste Europeu que provam a presença de tecelagem no



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

Período Paleolítico (até o ano de 10.000 a. C.). Neste período o principal motivo do uso de têxteis era cobrir o corpo para controlar o frio (PEZZOLO, 2007).

As civilizações que viviam junto a grandes geleiras logo perceberam que os animais poderiam ser utilizados para aquecimento, enquanto isso, os povos que viviam em climas subtemperados descobriram a utilização das fibras (LAVER; TUCKER; DE LA HAYE, 2002).

As fibras vegetais mais antigas cultivadas na Antiguidade foram o algodão e o linho, que datam de aproximadamente 3.000 a 5.000 a. C. Ambas bastante utilizadas para confecção de diversos tipos de produtos (PEZZOLO, 2007).

Fibras do caule podem ser utilizadas para a verdadeira tecelagem, como foi feito por alguns índios norte-americanos, mas não são tão satisfatórias quanto outras fibras vegetais, como o algodão. Estas, no entanto, requerem cultivo e, portanto, eram pouco utilizadas pelos povos nômades no estágio pastoral. Essas pessoas tinham ovelhas e lã, e aparentemente foram empregadas a tradição no período neolítico. No Novo Mundo, os animais utilizados eram a lhama, a alpaca e a vicunha (LAVER; TUCKER; DE LA HAYE, 2002).

Os primeiros tecidos nasceram da manipulação das fibras com os dedos. Assim o homem deu início à arte da cestaria, e de sua evolução surgiram os primeiros tecidos. Descobrimos novos modos de entrelaçar, novos desenhos foram criados e outras texturas foram sendo descobertas. Os primeiros cestos e os primeiros têxteis se diferenciavam não apenas pelas técnicas usadas em sua elaboração, mas, principalmente, pela escolha dos materiais a serem tramados (PEZZOLO, 2007).

A tecelagem em qualquer escala extensiva exigia uma residência fixa, uma vez que um tear tende a ser grande e pesado e, portanto, difícil de transporte do local. A situação ideal para o desenvolvimento nos primórdios da história da tecelagem era uma pequena comunidade. Estabeleceram-se, então, alguns pequenos grupos rodeados por terras de pasto para ovelhas. O velo foi cortado por métodos muito semelhantes aos usados hoje (LAVER; TUCKER; DE LA HAYE, 2002).

Um dos materiais usados pelos povos andinos era a lã. O povo **Mochica**, uma cultura pré-colombiana, utilizava em seus tapetes algodão no urdume e lã nas tramas ou lã e algodão (BUTTERS, 1999).

A lã é obtida do pelo de ovelhas e outros animais lanígeros. Esta designação pode também ser utilizada em conjunto com o nome de outro animal, em substituição da palavra



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

"pelo", como por exemplo, lã de alpaca, lã de camelo, lã de vicunha, lã de moer etc. (KUASNE, 2008).

A fibra de lã cresce permanentemente ondulada, como poderosas espirais. Quando tecida ou tricotada, a ondulação da lã cria milhões de microscópicas bolsas de ar no tecido, dando a isto uma cobertura, e criando assim uma camada de ar isolante (mais de 60-80% do volume do tecido 100% lã é de ar introduzido). Este princípio é o mesmo utilizado no isolamento das casas para conservação de energia natural (KUASNE, 2008).

A lã é a mais antiga fibra natural animal usada pelo homem. Na história da humanidade, assim como na história da tecelagem, povos nômades sempre aparecem ao lado de carneiros (PEZZOLO, 2007).

As planícies da Anatólia, na Turquia, foram testemunhas da existência de lã, já tecida, 7 mil anos antes de nossa era. Nessa região, foram descobertos indícios de vida humana ao lado de fragmentos de lã tecida (PEZZOLO, 2007).

No Ocidente a tapeçaria era realizada nos mosteiros, pois a lã era exclusiva destes. As peças mostravam uma dedicação à beleza e à casa de Deus. A origem das técnicas em si permanece um enigma, é possível apenas fazer hipóteses, como a influência que a invasão à Arábia, durante as Cruzadas, pode ter tido nas ideias dos desenhos representados. (HAMLYN, VIALE, 1966 p.9)

Tapeçaria

Tapeçaria é uma das mais antigas formas de tecer e o principal modo de criar imagens através da tecelagem. A linhagem da tapeçaria no ocidente volta à Grécia antiga, que considerava o tecido o elemento mais importante da decoração interior para uma casa rica e prédios importantes; por exemplo, tapeçarias cobriam paredes do Parthenon. Os romanos, da mesma forma, valorizavam tapeçarias e apesar de parecer que não foram tecidos por eles mesmos, eles certamente importaram tapeçarias da Babilônia, Egito, Pérsia e Índia. No primeiro século antes de Cristo, Nero ordenou que fosse confeccionado um grande toldo para um dos Teatros romanos, o desenho seria Apolo dirigindo uma biga (PHILIPS, 1994).

Devido à fragilidade dos materiais de que um tapete é feito, não há muitos tapetes históricos. Os primeiros restos de tapetes datam do período Sassânida (224 d.C. – 651), provável período da origem histórica dessas peças como as conhecemos hoje (MOEINI; GAROUSI, 2012 apud E. L.; A. A., 2006).



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

As artes têxteis estão ligadas também a uma produção artesanal, a um modo de produção capitalista, o que influi de modo decisivo na posição social do artista (JIMENEZ,1997). “Tal transformação, que diz respeito tanto ao *status* do trabalho artístico, à progressiva perda de influência das corporações quanto às novas relações comerciais entre produtores e negociantes, traduz perfeitamente a autonomização efetiva do domínio artístico e cultural”. (JIMENEZ,1997 p.41)

Cultura Andina

Diversos estudiosos discutiram sobre o conceito e a definição do que é cultura. Tanto Franz Boas como Tylor e Kroeber definem a cultura como algo relacionado aos hábitos e conhecimentos de uma civilização.

Boas disse em *Anthropology* (1930) que a cultura abrange todas as manifestações de hábitos sociais de uma comunidade, as reações do indivíduo enquanto afetadas pelos hábitos do grupo no qual vive e os produtos das atividades humanas determinadas por estes hábitos. Neste caso podemos incluir as artes têxteis para os povos para os quais essa arte era algo importante, como era o caso dos Persas, Turcos e, como no foco deste estudo, as civilizações andinas.

Para Tylor em *Primitive Culture* (1871) “Cultura ou civilização” é um conjunto que inclui conhecimento, crença, arte lei, moral, costume e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

De acordo com Kroeber (1952) é impossível determinar a origem de qualquer atividade cultural “cuja origem não conhecemos”, e embora ele tenha chegado a essa conclusão em 1901 ainda podemos dizer o mesmo.

Para ele a cultura é uma parte no “verdadeiro estudo para o estudo do homem”. Só compreendendo a sua totalidade poderemos compreender realmente as suas produções, que sempre têm um predecessor, mas nunca um começo (KROEBER, 1952).

Apesar de não podermos estabelecer o início da cultura andina algumas escavações mostram que culturas pré-incas já confeccionavam têxteis com diferenciações que podem ser indícios de que os desenhos realizados eram mais do que apenas adornos estéticos.

O arqueólogo Heinrich Ubberlohde-Doering em 1938 realizou escavações em um sítio arqueológico de Pacatnamú. Seus trabalhos se concentraram em um montículo mediano que foi desfigurado pela atividade dos saqueadores. As probabilidades de encontrar tumbas



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

intactas e de alguma importância eram remotas, mas o arqueólogo conseguiu encontrar três. Começaram a aparecer tumbas de diferentes tipos do que se acredita ser o princípio da cultura **Mochica** até o final da tradição **Chimú** (BUTTERS, 1999).

As três tumbas encontradas estavam bem conservadas e a chamada E1 era a com mais itens. Inclusive com têxteis em condições singulares, devido ao contato com os corpos (BUTTERS, 1999).

Estes tecidos são os que melhor representam a arte têxtil **Mochica** com procedência conhecida. Existem outros têxteis adequadamente preservados como os escavados por Christopher Donnan e Guillermo Cock neste mesmo sítio arqueológico (BUTTERS, 1999).

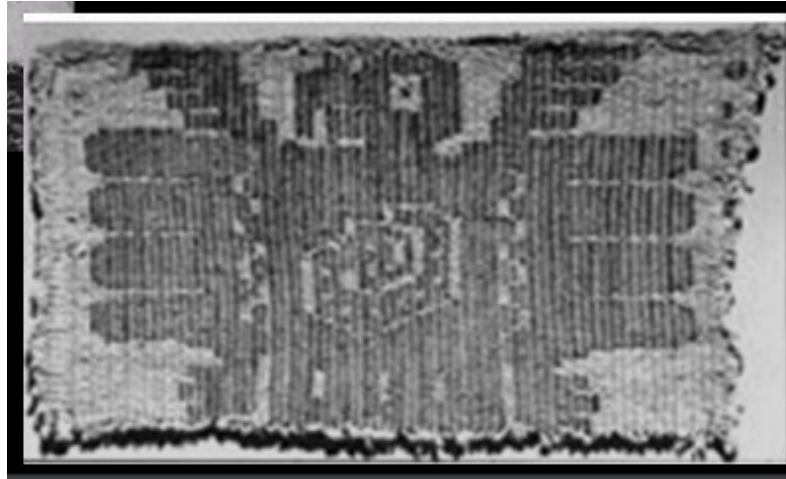
Alguns dos artefatos recuperados eram grandes artes **Mochica**, como os tapetes Kelim encontrados cobrindo o indivíduo principal. Neles se destacam personagens humanos com atributos místicos (BUTTERS, 1999).

Tecnologia manual

O aparecimento ou origem dos têxteis peruanos surge por volta de (4,000 a 2,500 a. C.) com a fabricação dos primeiros "tecidos" elaborados com técnicas "pré-tear", ou seja, apenas com a habilidade das mãos (CHOQQUE ARCE, 2009).

Destas técnicas, as mais importantes foram a do entrelaçamento, “anelado” e atado, com o qual se criou bolsas, tapetes e panos. Neste período, chamado de *Huaca Prieta* foram encontrados mais de três mil fragmentos interligados, a maioria de algodão, observando especialmente o aparecimento do primeiro design têxtil correspondente à representação de um condor com as asas estendidas trabalhado estruturalmente (Figura1). Isto indica que os desenhos foram conseguidos através do entrelaçamento dos fios de urdume com os fios de trama (CHOQQUE ARCE, 2009).

Figura 1. Tecido de algodão que tem a representação de um condor sagrado com uma cobra enrolada em seu ventre.



Um tipo de tecido encontrado destas civilizações foi o tecido Karwa. O tecido foi uma atividade de alta demanda, cujo crescimento foi causado devido ao uso de pelos de camélídeos e a descoberta do tear, que permitiu uma maior complexidade nas técnicas têxteis e velocidade na tecelagem (CHOQQUE ARCE, 2009).

No sítio de Karwa, 8 km ao sul do cemitério de Paracas no departamento de Ica, os tecidos parecem pintados com uma representação recorrente de seres antropomórficos segurando bengalas que terminam em cabeças de serpentes, olhos excêntricos e lábios grossos com presas cruzadas, que mostram uma relação com o povo **Chavin**, especialmente nos desenhos de gatos e pássaros harpias (CHOQQUE ARCE, 2009).

Figura 2. 3 fragmentos bordados com motivos de pássaros e lagartos.



As principais técnicas estruturais dos tecidos **Moche** são os tapetes Kelim ou entalhada, excêntrico (Figura 3), intercalação, as telas lisas com uma trama descontínua suplementar que forma franjas modulares, técnica que permite representações zoomórficas ou antropomórficas de caráter geométrico com blocos um sobre o outro (CHOQQUE ARCE, 2009).

Figura 3. Fragmento de tecido pintado. Técnica: Tapete Excêntrico



A cultura **Chimú** desenvolveu têxteis fortemente influenciados pelos desenhos arquitetônicos e metalúrgicos. Em muitos tecidos são vistas aves geometrizadas, semelhantes aos registrados nas paredes da cidadela de Chan Chan. As figuras predominantes são mostradas frontalmente com os braços estendidos e segurando bengalas, às vezes, sentadas debaixo de estruturas cobertas ou plataformas escalonadas (CHOQQUE ARCE, 2009).

A temática **Chimú** se baseia em motivos com flora e fauna costeira. Existe uma grande variedade de animais, especialmente gatos, cobras, pássaros; também há temas geométricos e não figurativos. Um motivo frequente nos tecidos **Chimú** eram os animais com apêndices cefálicos, corpo agachado e a cauda ondulada, que é representado de perfil ou sentado (CHOQQUE ARCE, 2009).

A cultura **Chimú** trabalhou com técnicas de tapeçarias, gazes, tecidos pintados, bordados, penas e o uso que se deu aos seus tecidos são de grandes telas para decorar as



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

paredes de seus palácios para vestuário como saias, camisas, turbantes, tangas, entre outros (CHOQQUE ARCE, 2009).

Cada artesão ou tecelão que confeccionava essas peças tinha uma grande importância para a cultura à qual pertencia. Tratava-se de uma verdadeira arte, que representava o que estava ao redor daquele povo.

Arte têxtil Andina hoje

Para entender a situação dos têxteis históricos na sociedade de hoje é preciso fazer uma ligação com o que ocorreu na Europa quando as Academias sofreram um declínio em seu prestígio, e a situação dos artesanatos começou a se transformar (SIMIONI, 2008).

Durante os movimentos *Art Nouveaux* e, especialmente, pelos movimentos *Arts & Crafts* liderados por William Morris, houve uma revalorização dos suportes têxteis (SIMIONI, 2008).

Várias mudanças, a transformação do artesão em artista, a criação da estética em seu sentido moderno e a separação das artes com a religião, contribuíram para que as artes têxteis fossem ignoradas.

Na Idade moderna houve uma tentativa de retomar a arte têxtil como uma arte nobre, porém após a Revolução Industrial a tecelagem e a tapeçaria já estavam ligadas ao trabalho braçal e automático, perdendo as características que as faziam serem vistas como uma arte. (PEVSNER, 2002). “William Morris propôs a retomada dos métodos tradicionais e artesanais, pois neles o trabalhador participava de todas as etapas da produção. Neste contexto a produção têxtil foi retomada e valorizada no interior do campo da “alta costura”.” (SIMIONI, 2008).

É neste ponto que os tapetes encontram a produção em grande escala e os tapetes andinos entram no sistema que Lipovetsky e Serroy (2015) chamam de capitalismo artista. Os tapetes andinos deixaram de ser peças feitas por aqueles povos e seus descendentes e para uso próprio e passaram a ser produtos com estéticas que remetem àqueles povos e são vendidos para quem puder comprar.

Os tecelões que antes fabricavam os têxteis com cuidado e tempo podiam ser inclusos, no que segundo Sennett (2009), são chamados de artífices, àqueles que se dedicam à arte pela arte.



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

O artífice tinha seu valor reconhecido na era clássica e em várias civilizações continuaram sendo reconhecidos. (SENNETT, 2009).

Desde os tempos mais primitivos a tecelagem era uma atividade reservada às mulheres, que lhes conferiam respeitabilidade na vida pública. Ofícios como a tecelagem eram práticas que contribuíram para civilizar as tribos de caçadores coletores (SENNETT, 2009).

Essas produções realizadas pelas mulheres eram um tipo artesanal, com produções em mercados locais e isolados, e não estavam ainda inseridas no sistema do capitalismo moderno (LIPOVETSKY; SERROY, 2015).

Assim como ocorreu com os tapetes Persas e Turcos, que foram industrializados pelos europeus durante a Revolução Industrial (CAMPANA, 1991), os tapetes Andinos são comercializados industrialmente e até mesmo vendidos como *souvenirs* em museus sobre as culturas pré-colombianas, como é o caso do Museu Andino no Chile (Fonte: Site Museu Andino).

Discussão

Os tapetes andinos possuíam características próprias e desenhos que diferenciavam uma civilização da outra. Porém, após o surgimento do capitalismo moderno e da Revolução industrial, começou-se uma exploração financeira para a obtenção de itens que remetessem ao artesanal e rústico.

Esse novo desejo pela estética artesanal fez com que têxteis, principalmente os tapetes manuais, fossem vendidos em maior escala ou até mesmo como lembranças de museus.

As primeiras tecnologias utilizadas pelos povos andinos caracterizavam o tipo de tapetes de cada comunidade. Cada uma tinha uma técnica e desenhos próprios.

Com a melhora dessa tecnologia e o surgimento de uma indústria em grande escala, os tapetes perderam a função de diferenciação e passaram a objetos estéticos, adornos ou mesmo simples objetos com a função de aquecer o solo.

Os artefatos encontrados pelos arqueólogos passaram a ser uma estética copiada e comercializada pela indústria têxtil e por museus, que exploram as culturas que ficaram no passado.



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

Conclusão

Com este artigo é possível concluir que as tecnologias utilizadas pelos povos andinos eram um dos principais itens que faziam com que a confecção desses artigos têxteis fosse um elemento cultural.

O capitalismo artista e a vontade de se possuir algo característico de outra cultura fizeram com que estes tapetes se espalhassem e se tornassem algo comercial e descontextualizado.

Ainda será preciso mais estudos para relacionar a tecnologia com a cultura andina, porém através desse estudo é possível perceber a relação entre os conceitos de cultura e tecnologia baseadas na manufatura têxtil.

Referências Bibliográficas

- BOAS, Franz. *Anthropology*, Enc. Of Social Science, Vol. 2, 1930
- BUTTERS, Luis Jaime Castillo; UGAZ, Flora. El contexto y la tecnologia de los textiles Mochica. In: **Tejidos milenarios del Perú**. Lima AFP Integra, 1999
- CAMPANA, Michele. **Tapetes Orientais**. São Paulo: Martins Fontes, 1991
- CHOQQUE ARCE, Adan. *Textiles andinos prehispánicos*. ARQUEOLOGÍA Universidad Nacional de San Antonio Abad del Cusco. Perú, 2009
- JIMENEZ; Marc. **O que é estética?**. [S.I.]: Gallimard, 1997
- LAVER.J; TUCKER, A; DE LA HAYE, A. **Costume and Fashion.A concise history**.Ed. ISBN: 0500203482 W Norton & Co Inc. London,2002
- LIPOVESTSKY, Gilles & SERROY, Jean. As figuras inaugurais do capitalismo artista. In: LIPOVESTSKY, Gilles & SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. Companhia das letras, 2015
- PEVSNER; Nicolaus, **Os pioneiros do desenho moderno - De William Morris a Walter Gropius**. São Paulo: Martins Fontes, 2002
- PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos – História, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007
- PHILIPS, Barty. *Tapestry*. London.1994
- SENNETT, Richard. **O Artífice**. Editora Record, 2009



5º Congresso Científico Têxtil e Moda

24 a 28 de abril de 2017
Centro Universitário FEI - Campus São Paulo

SIMIONI; Ana Paula. Descosturando Gêneros: Da feminização das artes têxteis às subversões contemporâneas In: CASTILHO, Kathia; OLIVEIRA, Ana Claudia. **Corpo e moda por uma compreensão do contemporâneo**. Estação das cores, 2008

Site **Museu Andino do Chile**. Disponível em: <<http://www.museoandino.cl/tienda>> Acessado em: 29 de Jun. 2016

TYLOR, E. B, *Primitive cultura*. Boston, 1871)